

“Era assim que eu queria um Museu”: vivenciando temporalidades diversas nas aulas de História

*“This is the Museum I wished for”: Experiencing
Diverse Temporalities in History Classes*

Mariana Jucá de Mello Cardozo*

RESUMO

Neste trabalho, analiso minha prática docente a partir da experiência das aulas de História em dois museus da cidade de Florianópolis, no ano de 2022, para pensar sobre o acesso ao passado, questionando-me sobre o modo como o trabalho no museu é capaz de mobilizar conceitos relacionados com o tempo histórico. Este estudo foi realizado em uma escola pública, com estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental, nas aulas presenciais de História, tendo como pergunta norteadora da pesquisa: “Como relacionar, junto aos meus estudantes, as dimensões temporais a partir de práticas culturais nos museus?”. O texto está organizado em três partes: a primeira trata sobre como ocorreu a volta para a escola, especificamente as primeiras aulas pós-pandemia; a segunda trata sobre a aula e o tempo do Museu; e a terceira apresenta uma reflexão acerca dos diversos sentidos da aula no Museu. Palavras-chave: Tempo histórico; Ensino de História; Museus.

ABSTRACT

In this work, I analyze my teaching practice based on the experience of History classes in two museums in the city of Florianópolis in the year 2022, in order to reflect on access to the past, questioning how museum work is capable of mobilizing concepts related to historical temporality. This study was carried out in a public school with 6th-grade students, in face-to-face History classes, with the guiding question of the research being: How to relate temporal dimensions with cultural practices in museums with my students? The text is organized into three topics: the first about returning to school: first classes in the post-pandemic period, the second about the class and museum time, and the third about a reflection on the trajectory: the various meanings of the museum class.

Keywords: Historical Time; History Teaching; Museums.

*EBM Batista Pereira (SME-Florianópolis), Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. marianad3mello@gmail.com <<http://orcid.org/0009-0002-7926-8087>>

VOLTANDO PARA A ESCOLA: PRIMEIRAS AULAS NO PERÍODO PÓS-PANDEMIA

No início do ano de 2020, fomos surpreendidos por uma realidade até então nunca vivenciada pela população do mundo contemporâneo, especialmente por aqueles que estão inseridos no contexto educacional: escolas fechadas fisicamente, população em isolamento social, ensino remoto e outros reflexos da pandemia de Covid-19, que ainda enfrentamos em 2023, mesmo com o controle parcial da pandemia e a diminuição das restrições sanitárias. Esse contexto de crise impactou profundamente a aprendizagem e a construção de vínculos socioafetivos dos estudantes, em especial o das crianças que estavam no período escolar de transição entre os Anos Iniciais e os Anos Finais do Ensino Fundamental.

Em 2022, após dois anos de fechamento da escola devido à pandemia, retomei as aulas presenciais de História com 35 estudantes em sala, no contexto de uma escola pública que atende a crianças e jovens de baixa renda. No início do ano, o impacto para todos os professores foi enorme: os estudantes chegaram com muita vontade de aprender, mas também com muitas dificuldades em compreender os conteúdos escolares e em conviver com os colegas. Em especial no 6º ano – nível no qual trabalhei – até mesmo a questão da alfabetização não estava resolvida, e havia muitos estudantes com uma compreensão textual bastante defasada, com muita dificuldade em concentrar-se, além de uma turma com conexões sociais frágeis, marcadas pela falta de convivência cotidiana dentro e fora da escola.

Quando me confrontei com esse quadro, pensei em, antes de tudo, ajudar a construir um sentimento de grupo e entusiasmo para, depois, em sala de aula, avançar nos conteúdos programáticos. Nos Anos Finais do Ensino Fundamental, as escolas introduzem o ensino de História e, na faixa etária entre 10 e 12 anos, os alunos ainda sentem muita dificuldade em operacionalizar conceitos relacionados com tempo e temporalidades. Sempre tenho a sensação de que a disciplina de História aparece nesse momento como um conteúdo abstrato, com pouca relação com o cotidiano do aluno, com suas práticas sociais e com suas vivências. Por esse motivo, propus duas saídas de estudo para museus localizados na cidade de Florianópolis, para que os estudantes pudessem ter outro tipo de encontro com o tempo. Minha intenção estava

centrada em possibilitar uma relação mais concreta com os diferentes tempos da história local.

Antes das saídas de estudo, elaboramos regras de comportamento em conjunto, e os estudantes também puderam fazer questionamentos referentes à temática dos museus e, posteriormente, tivemos um momento de práticas escritas. Esse conjunto de ações ajudou a criar o sentido de grupo para os estudantes, e ter um objetivo em comum permitiu resgatar em cada um a vontade de adquirir novos conhecimentos. Foi a partir dessas saídas que estabeleci uma relação de trabalho e carinho com os três grupos de 6º ano, e na sala de aula conseguimos trabalhar de maneira mais colaborativa.

Partindo desse contexto, neste trabalho analisarei minha prática docente a partir da experiência das aulas de História nos museus da cidade visitados – Museu de Florianópolis e Museu do Homem do Sambaqui –, pensando acerca do acesso ao passado e me questionando sobre como o trabalho no museu é capaz de mobilizar conceitos relacionados com a temporalidade histórica. Depois do relato de aula, reflito sobre como as leituras teóricas focadas em autores como Reinhart Koselleck (2006) e Claudine Blanchard-Laville (2005) mobilizam em mim, enquanto professora de História, ponderações sobre o que é possível fazer nas saídas de estudo.

O historiador Koselleck (2006), ao pensar o sentido etimológico do termo *Historie*, traz como significado a palavra experiência: “Ter uma experiência é experimentar e conhecer algo, trata-se, de certo modo, de uma viagem de descoberta” (KOSELLECK, 2006, p.20). Partindo dessa ideia, opere com essa orientação – como busquei em minhas aulas – da História enquanto experiência para analisar e estabelecer relações entre o presente e o passado, a partir da vivência em dois distintos museus.

O primeiro museu visitado pela turma foi o Museu de Florianópolis, inaugurado em novembro de 2021, localizado no centro histórico da cidade, cujo prédio foi erguido no século XVIII com a finalidade de ser a Casa de Câmara e Cadeia. A construção do prédio é considerada uma das mais antigas da capital. O plano museológico do espaço traz reflexões sobre a cidade em seus diversos aspectos: histórico, geográfico, cultural e simbólico. Nesse sentido, as diferentes linhas do tempo se encontram e entrelaçam através de exposições não apenas físicas, mas também tecnológicas e interativas, oferecendo, assim, um amplo programa educativo, abrangente e inclusivo (MUSEU DE FLO-

RIANÓPOLIS, 2021). Essa concepção interativa que esse espaço de memória oferece envolveu a atenção dos estudantes durante todo o trajeto pelas salas de exposição, permitindo pensar o passado a partir de questões contemporâneas complexas da cidade.

A segunda saída de estudos ocorreu no Museu do Homem do Sambaqui, criado em 1964 pelo Pe. João Alfredo Rohr, considerado referência para a arqueologia catarinense pelo seu pioneirismo na pesquisa arqueológica e por suas contribuições para os estudos dos povos indígenas pré-coloniais. Rohr foi responsável por reunir um imenso acervo arqueológico acerca dos primeiros povos que ocuparam Florianópolis. Os vestígios de culturas longínquas, de mais de quatro mil anos, significaram potentes elementos para ensinar História, por marcar processos de desenvolvimento e vivências diversificadas no território catarinense. Os estudantes do 6º ano ficaram fascinados pela atmosfera antiga do prédio, pelos expositores com artefatos líticos e principalmente pela técnica de cimentação criada por Rohr, por meio da qual foi possível ver esqueletos humanos pré-históricos, um deles inclusive com a ponta de uma flecha cravada na vértebra.

Assim, a pergunta que orienta esta análise é: Como relacionar, junto aos meus estudantes, as dimensões temporais a partir de práticas culturais nos museus? Para construir uma resposta provisória, organizei o texto em dois tópicos: o primeiro foi construído a partir da análise da aula de História na temporalidade que só é possível de ser experimentada na proposta espacial que o museu representa, refletindo sobre o tempo histórico, questão inerente a essa proposta de trabalho. Busquei perceber como os múltiplos tempos do museu permitem tencionar o tempo linear eurocêntrico tão presente na aula de História. No segundo tópico, proponho uma reflexão acerca das potencialidades de uma aula de História que se desloca de seu lugar habitual e os diversos sentidos que essa aula no museu pode ter, ou seja, uma investigação do que ocorre no museu quando os estudantes e a professora percorrem salas de museus e observam objetos, discutem ideias, respondem perguntas ou simplesmente ouvem mediadores.

Contextualizado os desafios iniciais da volta às aulas presenciais após um longo período de aulas online, passemos para a análise das aulas nos museus, considerando o fascínio e as inquietações que tais visitas despertaram nos alunos.

A AULA E O TEMPO DO MUSEU

Era assim que eu queria um Museu: bem antigo e com ossos humanos.

Laís, estudante do 6º ano.¹

A frase acima traz a reação empolgada de uma de minhas estudantes assim que chegou ao Museu do Homem do Sambaqui e viu o acervo de esqueletos humanos que pertenceram ao grupo mais antigo de habitantes que ocupou o litoral de Florianópolis. Sua fala carregada de espontaneidade fez-me refletir sobre a compreensão dos estudantes: parece-me que, na maioria dos casos, a História demonstra ser para eles apenas o passado, e isso revela a dificuldade de estabelecer qualquer relação com o cotidiano que se lhes apresenta, com o presente e com o futuro.

Os dois museus visitados podem ser pensados a partir da metáfora utilizada por Koselleck, *estratos do tempo*, visto que os dois espaços de História “remontam a tempos e profundidades diferentes, que se transformaram e se diferenciaram umas das outras em velocidades distintas” (KOSELLECK, 2006, p. 19). É possível analisar e comparar as diferentes velocidades de mudança e a repetição com que “os diversos planos temporais em que as pessoas se movimentavam, os acontecimentos se desenrolam e os pressupostos de duração mais longa são investigados” (KOSELLECK, 2006, p. 19) tanto no Museu de Florianópolis, que aborda mais o processo de modernização da cidade no século XX e expõe as diversas camadas do tempo que marcam ainda hoje a cidade Florianópolis, quanto no Museu do Homem do Sambaqui, que apresenta materialidades dos primeiros habitantes da Ilha de Santa Catarina e oferece movimentos de ressignificação dos artefatos líticos e a complexidade na sua produção.

Koselleck, em seus estudos sobre o tempo, afirmou que “conhecer um mundo histórico é responder a esta questão maior: como, em cada presente, as dimensões temporais do passado e do futuro foram postas em relação?” (KOSELLECK apud SIMAN, 2003, p. 192). Essa questão levantada pelo historiador apareceu de alguma forma nas produções dos estudantes sobre as visitas aos museus. As conversas iniciais do bimestre letivo revelaram uma ideia acerca da disciplina escolar de História muito vaga. Alguns opinaram que

História deveria ser “algo para aprender sobre o passado ou o que já aconteceu com um país ou cidade”. Poucos relacionaram com o passado de sua família ou do seu bairro, pensando que só lugares importantes e pessoas de destaque fazem parte do passado. A estudante Laís expressou esse ponto de vista quando afirmou, de forma muito espontânea e entusiasmada, na entrada do Museu do Homem do Sambaqui, a frase que deu origem ao título deste artigo: “Era assim que eu queria um Museu: bem antigo e com ossos humanos.” Aquele museu, em específico, correspondia às suas expectativas sobre o que iria encontrar em um museu: um lugar de silêncio, observação, “coisas antigas” e pessoas mortas.

O primeiro museu visitado, o Museu de Florianópolis, encantou os alunos por causa das suas propostas interativas. Nesse museu, meu intuito foi colocar os estudantes frente às modificações do centro da cidade ao longo do tempo. Descobrir, por exemplo, que a Praça XV, praça central de Florianópolis, um dia já esteve bem próxima do mar, cercada e acessível apenas para a elite da cidade, impressionou bastante os alunos, pois hoje essa é uma das praças da cidade que é usada como abrigo temporário de várias pessoas em situação de rua. Enquanto professora de História, minha expectativa era de que, a partir de imagens, fotos antigas, maquetes, acervos do museu, conexões entre o conhecido e o ainda não percebido, os alunos pudessem desenvolver a liberdade de olhar o passado e relacioná-lo com o presente vivido.

Antes da segunda saída de estudos, avisei às turmas que o Museu do Homem do Sambaqui tinha uma proposta mais estática, na qual percebe-se um cenário mais de observação e não tanto de interação como havia acontecido no outro museu. Quando propus essa saída, fiquei apreensiva porque os alunos gostaram muito do museu interativo de Florianópolis, então tive bastante medo de eles se frustrarem com o segundo museu e com a saída de estudos em si. Expressei a minha preocupação para eles, procurando diminuir as expectativas, e em diversos momentos eu repeti: “Olha, gente, esse segundo museu é diferente, não é igual ao primeiro”.

O Museu do Homem do Sambaqui está localizado no último andar da escola particular mais tradicional de Florianópolis. É um prédio antigo, com um portão de entrada suntuoso. Os procedimentos de acesso à escola foram bastante impactantes: crachá de identificação, catraca na entrada, corredores largos e compridos, pé direito bem alto e escadas de madeira antiga. Foi solicita-

do silêncio, pois os alunos da escola estavam em aula. Um dos alunos com voz bem baixinha me perguntou: “Isso é uma escola de rico né, professora?”. Nesse momento, percebi que sentir as diferenças sociais a partir de elementos simples como porta automática, crachá e catraca, que tem como função excluir quem não pertence a esse espaço, ecoou fundo no coração dos meus alunos no momento inicial. Porém essa primeira impressão se dissipou na entrada do Museu do Homem do Sambaqui, quando eles foram recebidos por uma monitora muito atenciosa. Ela iniciou a visita com uma conversa sobre os sambaquis e depois escutou atentamente as perguntas dos meus alunos e, na medida em que as respondia, despertava nos estudantes um maior interesse pelo acervo do museu. Descobrir que as flechas utilizadas na caça pelos povos sambaquis eram feitas de ossos de animais ajudou os alunos a compreenderem as tecnologias criadas a partir dos recursos disponíveis em tempos tão longínquos, bem como sua utilização e importância para a vida cotidiana desses povos.

A visita foi organizada de modo que os alunos pudessem caminhar pelo acervo do museu de maneira descontraída e sem a pressão cronológica do tempo. Acerca desse momento descontraído, Lana Siman (2003) escreveu:

Muitas vezes os alunos podem nos parecer desatentos e estarem, no entanto, procurando o significado que aqueles objetos ali expostos podem construir. Perguntas por vezes despropositadas podem nos levar a perceber ao que seus olhares estão atentos. O tempo das perguntas ou de conversas com os colegas podem nos dar evidências de que o processo de produção de conhecimento se inicia. (SIMAN, 2003, p. 188)

Ambos os grupos eram bastante agitados, mas surpreendentemente fiquei com a sensação de que todos adoraram o Museu do Homem do Sambaqui e se interessaram profundamente pelos esqueletos expostos e pelas oficinas líticas, e assim as discussões acerca daquilo que haviam vivenciado repercutiu no trajeto de volta no ônibus.

No exercício em sala de aula, uma estudante, ao ser questionada sobre como as saídas de estudos ao Museu mudaram a sua maneira de olhar a cidade, escreveu:

Agora que a gente fez essa saída para o museu eu comecei a querer saber mais sobre a nossa cidade de Florianópolis, sobre o Estado de Santa Catarina. Me deu

vontade de visitar mais museus para poder saber mais sobre o passado e seus mistérios escondidos no presente. (Natasha, estudante do 6º ano)

O museu teria, então, a potência de mobilizar os(as) estudantes para interrogar o passado e o presente, buscar respostas sobre o lugar de vivência, mover-se pela cidade e experimentar a imaginação? Parece que Natasha nos convida a pensar sobre este deslocamento da aula, pois suas descobertas no museu permitiram-na perceber a História como algo dinâmico, em constante construção, e, assim, estabelecer, no presente, relação entre as dimensões temporais do passado e do futuro, próximo do que havia tensionado o historiador Koselleck (2006) ao falar sobre o mundo histórico. A passagem do tempo acumula-se inevitavelmente nas paisagens, nos objetos naturais, nas estruturas materiais, configurando-se como marcas, registros simbólicos desse fluxo incessante do devir. Para exemplificar tal passagem, Koselleck traz a imagem dos *estratos do tempo* para pensar metaforicamente os vestígios de experiência no tempo, a partir da maneira pela qual se estuda a idade de certas árvores, onde os círculos concêntricos impressos no tronco permitem-nos estimar a sua longevidade. Esse simples acontecimento é prova de que o tempo transcorreu. Sobre isso, ele escreveu:

Precisamos usar metáforas ao falar sobre o tempo, pois só podemos representá-lo por meio do movimento em unidades espaciais. O caminho que é percorrido daqui até lá, a progressão, assim como o progresso ou o desenvolvimento, contém imagens que nos propiciam conhecimentos temporais. (KOSELLECK, 2006, p. 9)

O tempo não é, portanto, pura leitura de sinais em uma máquina chamada relógio. Nem sempre a nossa experiência do tempo interno coincide com o que decreta o relógio, pois tempos diversos coexistem de forma que a linearidade se torna difícil. A estudante nos provoca a pensar que o passado impregna o presente, mas o presente ressignifica o passado. A relação é, então, de uma espiral que, ao passar pelos mesmos pontos de observação, os reescreve, não sendo linear.

Tanto eu como meus estudantes estamos em uma geração que duvida da crença no futuro como progresso. A percepção do futuro como um tempo em que se pode alcançar uma vida melhor se rompeu. Conflitos globais, guerras, crises e, sobretudo, a crise climática, aparecem como condenação para um futuro pior. Koselleck (2006, p. 314) chama atenção para essa questão e com-

preende que essas gerações vivenciam o futuro como ameaçador. Assim, o presente se abre como campo privilegiado às múltiplas possibilidades que a vida oferece. Como o tempo presente adquiriu um papel primordial na vida das crianças e dos jovens, optou-se por propor aos estudantes uma imersão no passado da cidade, observando, através do tempo, os espaços urbanos conhecidos por todos. Dessa forma, procurei introduzir a visão e a sensação de movimentos temporais. Como muitos estudantes parecem estar fixos no presente, podem perceber o tempo como algo estático.

Um dos questionamentos iniciais foi: como perceber os movimentos em relação ao conceito de tempo que emergiram nos meus estudantes a partir da visita ao museu? Dar vida ao passado por meio de fotos, figuras, objetos expostos nos museus, enfim, de marcas do passado, mostrou-se uma ação bastante investigativa em relação a esse questionamento. Para ilustrar essa sensação, relato a seguir os últimos minutos da turma no Museu de Florianópolis.

A última sala prevista para visita no museu foi a exibição de um vídeo projetado sobre uma estrutura no chão e contava, de forma resumida, a história da cidade, falava das belezas naturais e no final fazia um convite para que todos vivenciassem algumas dessas histórias da Ilha, olhando pelas janelas para o lugar onde a história da cidade começou. Nesse momento, as seis janelas antigas, de pé direito alto, abriram-se sozinhas na sala, revelando a vista para a Praça XV. A vista da janela convida todos a pensar: o que foi a Praça XV no passado? O que ela é hoje? O que ela pode se tornar? E aqui voltamos à questão fundamental levantada por Koselleck (apud SIMAN, 2003, p. 192) no início deste tópico: “Como, em cada presente, as dimensões temporais do passado e do futuro foram postas em relação?”. Quando as portas antigas do museu se abriram “magicamente” na sala escura com a projeção da cidade, senti que todos os estudantes se emocionaram com o visual da Praça XV, e podia escutar por muitas vezes a expressão: “UAU! Que lindo!”.

O mergulho no passado da cidade causava espanto nas cenas do presente? Parece que acessar informações sobre a Florianópolis do passado permitia aos estudantes novos olhares para a praça, a figueira, a rua, os prédios. As modificações da cidade podiam ser percebidas. A cidade de Florianópolis se organizou ao redor da Praça XV a partir do século XVIII. Ela deixou de ser uma pequena vila de pescadores para se tornar a capital do Estado de Santa Catarina no século XX, ainda denominada Nossa Senhora do Desterro. A catedral, o Mercado Público e a Praça XV representam os espaços simbólicos dessa

transformação. No nosso deslocamento da sala de aula para o museu, queria propor para os meus estudantes também o seu deslocamento do presente para o passado. Assim eu almejava que a cidade se tornasse mais próxima deles, podendo contribuir, assim, para uma formação cidadã.

Diante de tantas reações inesperadas de encantamento e interesse genuíno dos estudantes, foi motivador observar que este modo de apresentar a História foi capaz não só de fazê-los repensarem o tempo e o quanto suas noções de passado e presente se entrelaçam, como também de estimular o pensamento relacional que perpassa a vida em sociedade. Partindo desta constatação, seguimos então para uma reflexão mais direcionada acerca da trajetória que perpassa os diversos sentidos da aula no museu.

OS DIVERSOS SENTIDOS DA AULA NO MUSEU

Percebi que, para os estudantes, a ida ao museu com a turma consiste em uma experiência diferente de uma ida ao museu com a sua família, assim como para a professora é diferente de quando ela vai sozinha. Sabemos que os(as) estudantes relacionam-se fora do espaço escolar de forma diferente do que em sala de aula e que as práticas fora da escola têm um significado especial. Portanto, estou convencida de que, para que uma saída de estudos seja bem-sucedida, é necessário estabelecer uma relação de confiança entre os estudantes e a professora, sendo fundamental a presença do espírito colaborativo de grupo dos dois lados, por isso o momento em sala de aula, quando estabelecemos as regras em conjunto, foi importante na organização da saída.

O ponto alto da saída foram as relações vivenciadas tanto no ônibus como na caminhada até o museu. Como o grupo se comprometeu comigo em ser colaborativo, o clima foi de leveza e tranquilidade, e muitos “papos” foram colocados em dia. Observar os encontros de jovens em condições bem diferentes do que no espaço escolar permite descobrir novas parcerias e até reavaliar o meu papel de professora nos diversos espaços educacionais. Das três turmas do 6º ano, a que era considerada a mais desafiadora pela equipe pedagógica da escola foi a mais elogiada pelos monitores dos dois museus devido à postura investigativa e ao interesse pelo que estava sendo visto. Essa situação mostrou-me o quanto é fundamental analisar o grupo e as suas dificuldades como um todo para poder intervir pedagogicamente com mais criatividade e

paciência. Percebi, então, a necessidade pedagógica de trabalhar o grupo para conseguir trabalhar conteúdos programáticos.

Nesse sentido, um ponto de reflexão para lançar outro olhar sobre a minha sala de aula foi a relação dos estudantes com a professora e o(s) saber/saberes que envolvia os lugares de História visitados. Para essa reflexão, apoio-me no conceito de construção de um espaço psíquico de aula que a autora Claudine Blanchard-Laville (2005) chama de invólucro psíquico na classe. A autora traz para a análise de uma situação de ensino a noção de invólucro que, nas suas palavras, seria “uma espécie de continente criador do espaço psíquico da classe, um continente dinâmico e organizador das turbulências psíquicas desse espaço” que configura uma sala de aula (BLANCHARD-LAVILLE, 2005, p. 263).

Como já mencionado anteriormente, eram grupos com dificuldade de concentração e quase sem participação colaborativa. Sempre tive problemas em organizar o grupo e fazê-los voltarem sua atenção para a sala de aula. No entanto, fora da escola, as turmas de 6º ano se apresentavam de uma forma completamente diferente. Estavam atentos aos meus movimentos, falas e orientações. Queriam estar sempre perto e caminharam um trecho de 20 minutos em total harmonia e colaboração. Claudine Blanchard-Laville denomina isso como a função *continente do professor*:

[...] a sua capacidade de acolhida e de transformação dos elementos psíquicos e emocionais desorganizados, desvinculados, brutos, para torná-los um pouco mais toleráveis; em suma, a capacidade do professor de metabolizar os elementos negativos que lhes são dirigidos (BLANCHARD-LAVILLE, 2005, p. 264).

Para minha surpresa, a própria dinâmica da cidade, os trajetos que realizamos pelo centro, as mediações realizadas nos museus e o deslocamento utilizando o transporte público da cidade ajudaram muito a reorganizar as turmas no trabalho em sala de aula depois das saídas de estudo. Além disso, um vínculo de afetividade e confiança entre os estudantes e eu, enquanto professora, estabeleceu-se ao longo do trabalho. Fiquei com a sensação de que esse vínculo criado promoveu, inclusive, uma mudança no comportamento em sala de alguns estudantes. Um exemplo foi o caso do Henrique, um estudante que tinha muita dificuldade de ficar sentado e prestar atenção nas propostas de sala de aula e que se mostrou muito interessado e atento aos acervos do museu, fazendo perguntas pertinentes e, depois, no trabalho de sala de aula,

trouxe muitos elementos para as discussões da aula, assumindo um novo papel na turma, agora muito mais colaborativo. Henrique passou a ser o primeiro a me receber antes das aulas, sempre com um abraço e a pergunta: “Quando vai ser a nossa próxima saída?”.

As saídas de estudo possibilitaram a criação de um laço forte entre professora e estudantes. Geralmente, o professor quer que o seu estudante aprenda e não necessariamente esse é o mesmo objetivo do aluno no espaço escolar. Saindo da escola, essa realidade se transforma. O professor organiza as saídas pois supõe que o aluno aprende mais e o aluno sente-se valorizado pois percebe que o professor está propondo algo diferente para dinamizar a aprendizagem. A relação assim criada possibilita a formação do invólucro psíquico. Uma boa saída a campo ecoa ainda nas semanas seguintes em sala de aula.

Como continuidade do trabalho das saídas de estudo, desenvolvi várias atividades pedagógicas para desestabilizar os estudantes a partir das saídas, uma delas foi a produção do “Bingo no Museu”. A experiência permitiu-me concluir que entre 10 e 12 anos os estudantes ainda reagem muito positivamente a propostas que levam em conta a sua vontade de brincar. Busquei, com a atividade do bingo, uma forma inusitada de, depois da visita ao museu, em sala de aula, os estudantes discutirem não apenas a visita, mas também a função da História e do Museu.

Figura 1 – Bingo do Museu

BINGO
do Museu

Presença afrodescendente na história de Florianópolis	Algo do passado presente hoje	Isso tem a ver comigo
Algo que me fez lembrar as aulas de história e informática	Cultura Mané	Algo sobre a relação com a Natureza
Algo extraordinário na sala		Algo sobre o trabalho
Isso ninguém percebe	Algo que não mudou com o tempo	Algo que mudou com o tempo

Nome: _____ Turma: _____ Professor(a): _____

MUSEU DE FLORIANÓPOLIS

Observe cada sala de exposição do Museu e selecione o que te chamou mais a atenção para preencher as perguntas. Em seguida, complete o BINGO NO MUSEU.

O TÍTULO DA NOSSA EXPOSIÇÃO

Primeira coisa que eu gostei no Museu foi...

Perque...

Fonte: Acervo da autora.

Minha intenção com esse exercício era que a turma pudesse desenvolver a capacidade de observação e o olhar sensível acerca das transformações ocorridas na cidade de Florianópolis, além de buscar relacionar essas modificações com as questões culturais, urbanas e ambientais, ou seja, que refletissem sobre o presente a partir de informações sobre o passado, observando mudanças e permanências na cidade e, ao mesmo tempo, sistematizando as aprendizagens realizadas com a vivência no museu. A aula no museu não é um momento lúdico fora da sala de aula ou uma contemplação do passado no templo das musas, e as vivências com meus alunos e alunas permitiram perceber que vai além de tudo isso. Trata-se de encontros com objetos, cenários, situações e até mesmo com as regras definidas antes da saída. Ulpiano Meneses (1994) indica a maior contribuição dos museus como sendo a educação pelo objeto, que é diferente de “falar sobre os objetos” ou usar essa materialidade do museu para ilustrar conteúdos. Nesse sentido, meu objetivo ao fazer o bingo foi sistematizar aprendizagens sobre o visível do tempo presente e o invisível do passado. O tempo era o conceito fundamental que, inclusive me provocou pensar na mudança sobre o próprio conceito de museu: não mais o templo legitimador do passado.

Vivemos hoje diversas crises entrelaçadas. Florianópolis, uma capital que vive em grande parte do turismo, vivenciou recentemente, em plena temporada de verão, um surto de um novo vírus provocado por saneamento básico precário ou inexistente. Como a cidade chegou a esse ponto em que o processo de urbanização coloca em risco os seus habitantes? Levantar essas questões relacionando-as com práticas sociais antigas e atuais é uma maneira de formar cidadãos mais corresponsáveis. Dessa forma, a partir do bingo, foi entregue uma lista de elementos com espaços vazios para que os estudantes escrevessem sobre o que o percurso no museu estava lhes “assoprando” naquele momento. Uma das estudantes criou a categoria “coisa que sempre muda” e como resposta escreveu “História”.

Conversar com eles sobre o que cada estudante escreveu em cada categoria do bingo e também sobre os movimentos de ressignificação, de interpelação de aspectos da rápida transformação urbana com seus contrastes sociais me permitiu aprofundar conteúdos e perceber como os museus visitados nas aulas de História, na cidade, podem ser compreendidos como suscitadores de memórias e estimuladores do pensamento sobre o tempo, e isso ajudou a sub-

siar muitos sentidos que perpassaram as atividades da ação educativa em questão. Retomando a abordagem teórica de Koselleck para analisar tal circunstância, torna-se “palpável” a *Historie* como experiência a partir da “viagem de descoberta” feita pelos alunos ao longo das visitas. Os “estratos do tempo” sobrepuseram-se nas mais variadas perspectivas e interpretações dos alunos, demonstrando os diversos planos temporais em que as pessoas e os acontecimentos coexistem.

Por outra parte, a experiência das turmas tanto no Museu de Florianópolis como no Museu do homem do Sambaqui permitiu abordagens que me ajudaram a instaurar um clima psíquico didático positivo no espaço da sala de aula e de aproximação com diferentes tempos da história local. Claudine Blanchard-Laville denomina como *transferência didática* do professor essa força modeladora que senti quando retomei conceitos importantes como o de permanência e mudança para revisitar conteúdos relacionados tanto aos sítios arqueológicos da Ilha de Santa Catarina - como os vestígios de culturas longínquas, artefatos líticos, que podem marcar processos de desenvolvimento e vivências diversificadas no território catarinense - quanto ao crescimento urbano acelerado da cidade e a transformação do centro histórico da cidade. Nas palavras da autora, “[...] essa transferência didática instaura no espaço da classe uma atmosfera psíquica singular, no interior da qual se desenvolvem os movimentos do pensamento e da aprendizagem dos alunos” (BLANCHARD-LAVILLE, 2005, p. 234). Em relação ao discurso do professor, Claudine destaca o ato da linguagem como força ilocutória. As saídas instauraram uma certa cumplicidade que fizeram-se sentir em comportamentos não verbais, o que permitiu esse clima psíquico positivo no espaço didático. Isso me mostra o quanto as intervenções durante as saídas foram essenciais para envolver a turma nas aulas de História.

A experiência de estar com os(as) estudantes nos espaços de memória da cidade permitiu-me pensar que o museu é um espaço para imaginação, e não só um lugar para se visitar e ensinar História. A estudante Nara, ao relatar sua experiência, escreveu:

Estar no museu me fez sentir como se eu vivesse realmente naquela época como os primeiros habitantes da Ilha, como uma lembrança.

Nara, estudante do 6º ano.

O conhecimento histórico pode ser construído a partir de outras relações que cada um estabelece com os objetos e espaços museológicos. De acordo com Lana Siman (2003), essas relações são carregadas de “significações que ultrapassam o universo do experienciado pelos sujeitos” que são mobilizadas “pela imaginação, a intuição, a sensibilidade e não apenas pelas operações de ordem intelectual” (SIMAN, p. 192, 2003).

Portanto, sair da sala de aula em direção ao museu traz um novo significado à docência, entendida como um tempo presente de encontros e diálogos que nos desafia a encontrar os fios para tramar a continuidade, construindo uma experiência de tempo que nos mobilize para o movimento de aprender com a cidade. Ao mesmo tempo, possibilita pensar o museu como espaço para a imaginação da história. Findar esta análise de modo conclusivo não é possível, pois a noção de História como experiência implica nesse movimento constante de análise de estratos do tempo, dada a explicação apresentada por aqueles que vivenciam as circunstâncias, extrapolando o uso da linguagem como força ilocutória. Sendo assim, a seguir estaborecerei algumas considerações finais entendendo-as como mais uma volta possível nessa espiral do movimento da História.

VIAGENS PELOS ESTRATOS DO TEMPO: PARA SEGUIR PENSANDO

A modernidade capitalista traz uma figura de tempo baseada na máquina e na meta. O relógio, criado no século XVII, tornou possível prever, controlar e precisar. Tudo passa a ser dividido, medido e calculado para se chegar à sociedade do progresso. Os ciclos naturais perderam legitimidade frente ao progresso anunciado pelo tempo progressivo e linear concretizado no calendário gregoriano. Parece que essa experiência com o tempo preciso do relógio nos desconectou da natureza. A água, a areia, o fogo, o vento, a luz do sol não eram mais medidas de tempo.

Nossa vida nem sempre coincide com aquilo que decreta o relógio. Tempos diversos se sobrepõem, pois o futuro está contido no passado. Assim, o tempo tem uma dimensão social e, por isso mesmo, cultural, pois ele é vivenciado, experienciado em diferentes culturas e espaços, segundo maneiras peculiares de concebê-lo, interpretá-lo, regulá-lo. Na aula de História, o tempo é um conceito estruturante e complexo. Como abordá-lo com estudantes do

ensino fundamental que vivem os tempos acelerados do mundo virtual? Ao mesmo tempo, nem sempre os tempos das aprendizagens dos estudantes coincidem com o tempo da escola. Quero crer que o deslocamento da aula de história para o museu constitui-se em uma estratégia potente para abordar os diferentes estratos do tempo diluído, fragmentado e instantâneo e, quem sabe, tramar a continuidade como experiência.

A própria prática de ensino permitiu-me concluir que entre os 10 e os 12 anos de idade os jovens têm dificuldade de pensar, de modo relacional, conceitos sobre tempo e temporalidades, como já mencionei no início deste trabalho. Pensar diferentes tempos *da* e *na* História com esses jovens, a partir das visitas aos museus, considero que permitiu ampliar seus horizontes para além do conteúdo tradicionalmente trabalhado em sala de aula, permitindo que as dificuldades trazidas pelo contexto da pandemia fossem amenizadas diante do entusiasmo e da curiosidade genuína que os estudantes foram demonstrando durante toda a atividade.

Penso que a visita aos museus, as atividades que realizamos em seguida na escola e os trabalhos que os alunos fizeram em casa permitiram fortalecer as conexões que estavam fragilizadas não só entre os indivíduos (entre alunos e entre a professora e os alunos), mas também dos indivíduos com a instituição de ensino. Os desafios de compreensão, interpretação, concentração e de participação colaborativa foram sendo retrabalhados a partir do estabelecimento de uma relação de confiança entre os estudantes e a professora, gerando um espírito colaborativo de grupo dos dois lados. Estabelecer regras de comportamento em conjunto com o grupo, antes da saída para os museus, andar em grupo de transporte público pela cidade, permitir que os alunos pudessem esclarecer dúvidas e curiosidades sobre museus e, ainda, realizar práticas escritas sobre o assunto, gerou entusiasmo e sensação de pertencimento no grupo, fortalecendo as relações sociais e institucionais que a situação envolvia, acabando com a fragilidade do reconhecimento do grupo enquanto tal que havia sido gerada no contexto da pandemia.

Tive a impressão de que a saída para os dois museus confrontou o(a) estudante com o passado de forma muito reflexiva. Essa forma reflexiva manifestou-se de diferentes maneiras entre os alunos, alguns expressaram mais verbalmente que outros, porque alguns compartilharam mais do que outros suas impressões. No entanto, de forma geral, fiquei com a impressão de que as

fotos, os objetos antigos e os demais vestígios ressoaram fundo nos jovens. Penso que consegui abrir uma porta para o interesse pela História, para além do conteúdo programático, ao despertar nesses estudantes uma postura investigativa sobre aquilo que estava sendo apresentado a eles. A necessidade pedagógica de trabalhar o grupo demonstrou ser de alta relevância no trabalho dos conteúdos programáticos. Os alunos voltaram para o espaço da escola mais atentos aos movimentos, às falas e às orientações da professora e, ao analisar os seus relatos, constato que eles voltaram mais atentos, curiosos e questionadores sobre o mundo que os rodeia, sentindo-se acolhidos pelo seu tempo e pelo seu espaço ao refletirem sobre a noção de tempo. A História foi por eles experienciada e os *estratos do tempo* foram devidamente percebidos em todas as variabilidades possíveis. A conexão entre museu e escola promoveu encontros dos estudantes com histórias da sua cidade, sensibilizando-os a observar e a compreender as mudanças no seu entorno. Nesse sentido, a escola cumpre sua função de ensinar determinadas competências necessárias para que os jovens possam seguir refletindo sobre seu lugar de vivência. Destaco, ainda, uma fala que explicita os múltiplos alcances que uma prática cultural viabiliza, proporcionando compartilhamento de descobertas para além do espaço escolar, como no caso em que uma estudante enunciou, de maneira empolgada: “Professora, levei a minha mãe no final de semana para conhecer o Museu de Florianópolis e ela adorou”.

Para seguir pensando, vale a pena reiterar o quanto desafiador foi o recomeço das aulas escolares presenciais em 2022, após a interrupção devido à pandemia de Covid-19. A falta de sintonia, a agitação por estar na escola de novo e a falta do exercício de um trabalho colaborativo criou um ambiente bastante tenso e cansativo. A pandemia gerou para todos perdas pedagógicas e socioafetivas, e isso foi levado em consideração no reinício do ano letivo por toda equipe pedagógica da escola onde trabalhei. As saídas de estudo representaram uma reconexão com a turma: o espaço inter-relacional que se criou ao longo de todo o percurso de trabalho (ônibus, museu, caminho até o museu) pôde ser transferido para sala de aula, os trabalhos fluíram melhor a partir deste momento e mostraram-se mais criativos. Foi como recuperar a alegria de estar na escola, porque o querer saber, os questionamentos e a curiosidade estavam de volta. Crianças de 11-12 anos voltavam, assim, a descobrir o mundo ao seu redor.

Assim, essas duas ações educativas mostraram-me a potencialidade que têm as saídas de estudos para criar condições para a produção de sentidos e de sensibilidades por parte das novas gerações em relação a determinado saber, lugar, objeto ou manifestação cultural, a fim de construir relações socioafetivas e reflexivas com o passado.

REFERÊNCIAS

- BLANCHARD-LAVILLE, Claudine. *Os professores entre o prazer e o sofrimento*. Tradução de Maria Stela Gonçalves e Adail Sobral. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- COMERLATO, Fabiana. O legado do padre João Alfredo Rohr S.J.: reflexões sobre sua trajetória na arqueologia brasileira. *Revista de Arqueologia Pública*, n. 10, p. 09-24, dez. 2014.
- KOSELLECK, Reinhart. *Estratos do tempo*. Estudos sobre História. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.
- MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Ser. v. 2 p. 9-42, jan./dez. 1994.
- MUSEU DE FLORIANÓPOLIS. Museu de Florianópolis, 2021. Disponível em: <https://www.sesc-sc.com.br/museudeflorianopolis/sobre/o-museu-de-florianopolis>. Acesso em: 09 jul. 2023.
- SIMAN, Lana Mara de Castro. Práticas culturais e práticas escolares: aproximações e especificidades no ensino de História. *História & Ensino*, v. 9. Londrina, 2003.

NOTA

¹ Os nomes dos estudantes foram preservados e são indicados aqui em forma de pseudônimos.

Artigo submetido em 12 de março de 2023.
Aprovado em 5 de julho de 2023.

